

N.º 3 — Quinta-feira, 15 de Março de 1906

⊙ ⊙

Assignaturas

Um anno..... 1.500 réis

Seis mezes..... 750 "

Pagamento pelo correio,
mais 100 réis

⊙ ⊙

DIRECTORES

ANNIBAL SOARES e ALBERTO COSTA

O Vira

SEMANARIO HUMORISTICO

Preço — 20 réis

⊙ ⊙

EDITOR — Manoel d'Oliveira Têque

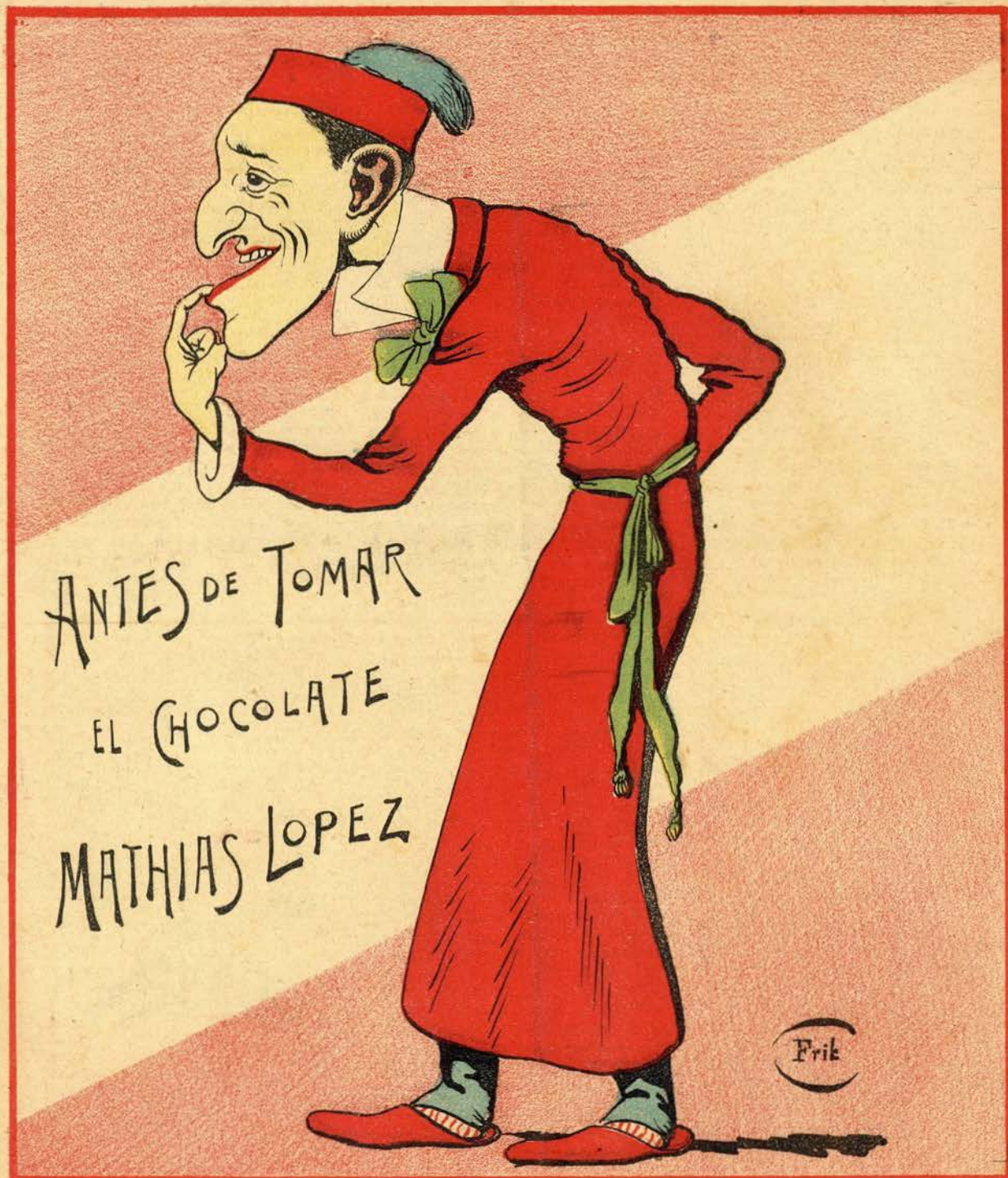
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Norte, 33, 1.º

LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Lyth. Universal — Largo do Carmo, 17





CHRONICA

Summario: — *O officio de reinar. — As lendas da nossa infancia e a devoção incondicional dos politicos. — De como aos reis é vedado o amor. — O que Affonso XIII desejaria e o que lhe impõe a razão de Estado. — Negociações do sr. Moret, e energica deliberação d'um principe cheio de filhas. — Do contracto matrimonial, e de como os nossos caçadores de dotes são mais felizes que um rei. — O acto nupcial julgado por Affonso XIII.*

Parece-me que foi Eduardo VII quem, ainda em principe de Galles, interrogado discretamente e com as redundancias do estylo, sobre qual poderia ser a sua aspiração primeira, no momento de subir ao throno dos antepassados, respondeu que o seu desejo, ao proclamarem-no rei, seria mui simplesmente... o não ser rei.

Não é um pensamento de Paschal; mas o dito não deixa de ser conceituoso, nem resulta tamanhamente paradoxal como poderá figurar-se aos deslumbrados pelo fastigio e pela apparente magnificencia do mando. *O officio de reinar é como nunca insupportavel, agora que os reis pertencem cada vez mais á nação e as nações cada vez menos aos reis, e quando os privilegios e regalias do imperante pouco a pouco se desmoronam e sóm, ao sópro ardente e arrasador da plebe rude.*

Uma das prerogativas do rei, das mais sympathicas, era outr'ora a de amar, amar livre e amplamente sob a exclusiva indicação do seu capricho. Todos tivémos na nossa infancia uma creada tonta, para nos contar a historia d'algum principe cavalleiroso e esbelto, enamorado da serva da rainha, ou repousando a fronte augusta, á volta das batalhas, no seio carinhoso e arfante d'uma ingenua guardadora de perús. E força é que confessar que estas lendas singelas, poetizando a realeza ás vistas do povo credulo, lhe mantinham o prestigio bem mais alto que os editoriaes do *Correio da Noite*, a teimosa resistencia do sr. José Luciano, ou a correccção monarchista do sr. conselheiro Hintze.

O sentimento do amor subsistiu, engrandeceu-se e nobilitou-se com os tempos. Erguem-no os philosophos á categoria de factor supremo do progresso e da felicidade humana; os poetas cantam-no, a Igreja consagra-o, e o proprio Codigo Civil o aceita, embora lhe chame sisudamente—a união entre duas pessoas de sexo differente, com o fim de constituirem legitimamente a familia.

Só os principes deixaram de poder amar.

Ahi temos nós agora o rei Affonso, o candido adolescente que parece esconder no seu organismo fragil e enfermico tudo o que a velha alma castelhana possui de ardente, cavalheiresco, audaz e impulsivo. Quero crêr que esse Quichote magrizela e imberbe desejaria n'este instante partir Hespanha em fóra, achar uma pastora airosa das Asturias, depôr-lhe no regaço um madrigal e o sceptro, dar-lhe no primeiro templo a mão de esposo, irromper com ella por Madrid, á hora aristocratica da *Puerta*, e sentá-la por fim a seu lado, com grande escandalo do orbe, no throno secular dos reis catholicos.

Pobre mancebo romantico!... A qualquer filho-familias do seu reino, a velleidade d'um casamento desigual importaria apenas um arrufo domestico, uma ameaça de desherdación, alguns carambas paternos mais ou menos furibundos, e a reconciliação completa e enternecida, logo que um pimpolho brotado do consorcio se esvasse pela vez primeira no regaço acolhedor da avó lamecha.

Não assim com elle, cujo coração generoso, considerado um proprio nacional, se passeou em almoeda, em successivos mezes, pelas côrtes da Europa, sob o olhar fiscalizador do ministerio, que era quem escrevia em conselho as cartas de namoro. Longas e disputadas se arrastaram as negociações, para a transmissão d'essa propriedade do Estado, que é a mão d'um rei. Testas coroadas, de toda a parte, mettiã *cunhas*, enviavam informes, alardeavam, com exaggerado palanfrorio, merecimentos e vantagens; e principe tal houve que, por não estar com más nem boas, deitou pernas ao caminho e surgiu subitamente na côrte madrilena, trazendo na bagagem, para as facilidades da escolha—tres filhas!

Quando um dia emfim o sr. Moret, piscando o olho á reportage ansiosa, poud assegurar com ar astuto que

encontrára o que servia, justo pareceu que os alheios largassem d'or'avante mão do caso, deixando o noivo com a noiva, a combinar tranquillamente o enxoval e o *ménage*. Pois não senhores! Já os telegrammas de Madrid ha dias informaram o mundo — de que vae ser lido ao parlamento o contracto matrimonial de Affonso XIII.

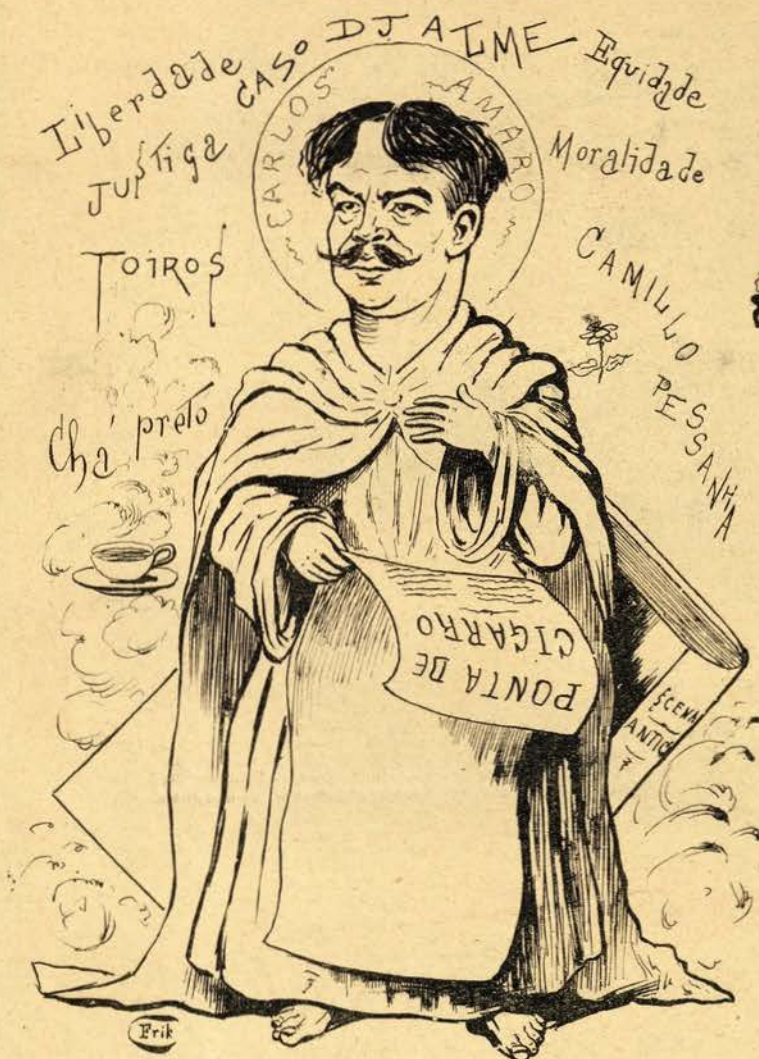
O contracto matrimonial é ainda, para o feitio amorudo e piégas dos peninsulares, uma formalidade com seu quê de vexatoria, que se prestam a cumprir, é certo, alguns filia-dos na Mocidade Catholica, alguns bachareis sem emprego e alguns rapazes da fina-roda, corridos das escolas e anichados a custo na Alfandega, ao desposarem uma velha gaiteira com predios na Avenida. Mas esses mesmos o fazem com o possivel recato, fóra do cartorio, sendo os intimos da casa testemunhas, e sob minuta ditada pelo procurador da nubente.

O rei de Hespanha, ao contrario, terá o seu contracto presente ao parlamento, julgado e sancionado por aquelle senador videiro que os acasos da desvergonha guindaram na politica, e por aquell'outro deputado opinativo, de mãos suadas e calva luzidia, lançado por uma trapaça d'eleições, do fundo das Vascongadas, ao recinto augusto da representação nacional.

E quando na noite de nupcias a branca noiva enleada vá a desprender do seio o ramallete symbolico, não poderá esse Bourbon furtar-se ao pensamento de que elle não é ali tanto o moço amante e rendido—recebendo uma esposa por mercê do sr. Moret, dos seus embaixadores, das discussões ministeriaes, das ponderações do parlamento—como o rei liberal e cumpridor, o supremo magistrado da nação, desempenhando-se pontualmente do mais doce dos deveres constitucionaes—entretanto dever, como a assignatura régia, o discurso da Corôa, ou as funções de gala no Real Theatro de Madrid...

FERNÃO GOSMA.





Santo Amaro... de Coimbra. Apostolo, e ainda não Martyr, por não haver barricadas.

EXERCICIO DE RIMAS

Com algum sentido

Andava, ha muito, a procurar o nexo
Do casamento, esse terrivel pacto!
O amor seria uma verdade, um facto,
Ou simplesmente uma questão de sexo?!

Mas não sei como foi, que n'um amplexo
Eu pude perceber pelo contacto
Que o sentimento me sahio... d'um jacto...
E assim ficára estatico, perplexo!

Agora, pois, que vejo o ponto fixo
Em que o amor assenta, ou que no fluxo
Do sentimento sempre fui prolixo...

Agora, sim, acaba-me o defluxo
Que me levava até ao crucifixo
Com medo de cahir n'algun refluxo!

Jo-Deu.



«Alguns collegas referem-se á entrega, no governo civil, dos estatutos d'uma sociedade de homens de letras, que se fundou em Lisboa. Logo que definitivamente esteja fundada, em seguida á respectiva approvação dos estatutos, tenciona occupar-se da escolha, entre os socios, das obras destinadas a serem traduzidas, publicadas e representadas no estrangeiro, para o que existirá um comité especial».

(Dos jornaes).

N'uma reunião do comité:

O PRESIDENTE — Está aberta a sessão. Ordem do dia: *escolha das obras destinadas a ser traduzidas, publicadas e representadas no estrangeiro.*

O DRAMATURGO X — Peco a palavra. Parece-me que não será immodestia lembrar ao comité o meu drama de these *Angustias d'um Bombeiro Municipal*, que já tive a honra de ler a alguns dos nossos mais eminentes homens de theatro e que, incontestavelmente...

O POETA Y (*entre-dents*) — Diabo, uma peça rejeitada...

O ROMANCISTA Z (*a meia voz*) — Não sei, uma peça sem dialogo...

O dramaturgo X volta a sentar-se, desconcertado.

O ROMANCISTA Z — Peco a palavra. Não se me afigura descabido submeter á apreciação do comité o meu romance psychologico *O Solicitador Encartado*, que muitas auctoridades consideram a mais flagrante e porventura cruel escapellisação d'uma alma, que nos ultimos cincoenta annos...

O POETA Y (*sumidamente*) — Diabo, um romance sem editor...

O DRAMATURGO X (*resmungando*) — Não sei, um romance sem enredo...

O romancista Z, ruborizado, embucha.

O POETA Y — Peco a palavra. Talvez ao comité não fosse desagradavel fazer conhecido lá fóra o meu poema impressionista *Violaceos Arreboes*, que aliás todos os entendidos...

O ROMANCISTA Z (*torcendo o nariz*) — Diabo, um poema sem rythmo...

O DRAMATURGO X (*hesitante*) — Não sei, um poema sem metrificacão...

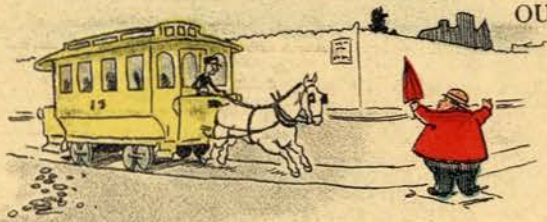
O poeta Y, bastante contrariado, retoma o seu lugar.

O PRESIDENTE — Ninguem mais pede a palavra? A reunião seguinte para amanhã, ás 2 horas. Ordem do dia: *escolha das obras destinadas a ser traduzidas, publicadas e representadas no estrangeiro.* Está encerrada a sessão.

F. G.

AVENTURAS DO ACTOR CHABY

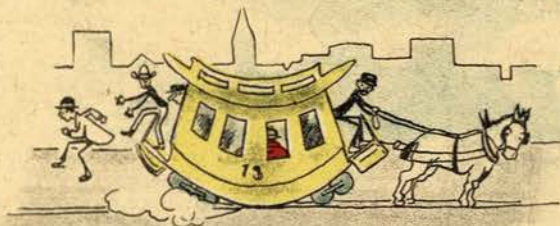
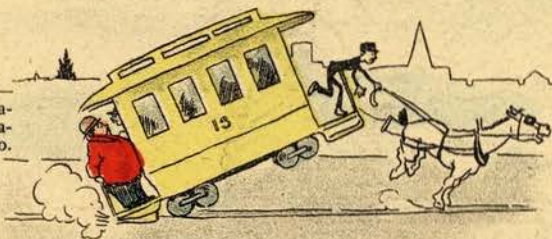
OU PRECALÇOS D'UM HOMEM GORDO



(Uma pagina do seu «Diario»)

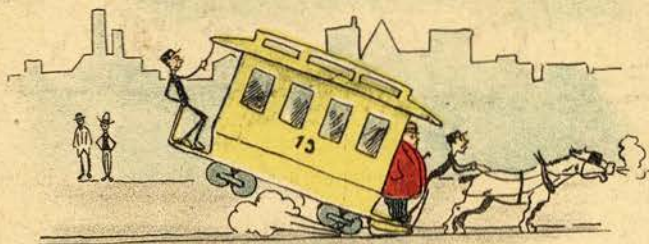
4 de Dezembro.—E' o meu segundo dia do Brazil. Abafa. E d'aqui ao theatro Apollo ainda é um estirão !... Ah! um *bond* se aproxima. Tomemo-lo.

Porém mal entro —que é isto?!— o *bond* desequilibra-se, o cocheiro braceja no espaço, ha na rua gritos de pavor. Sou convidado a occupar o centro.

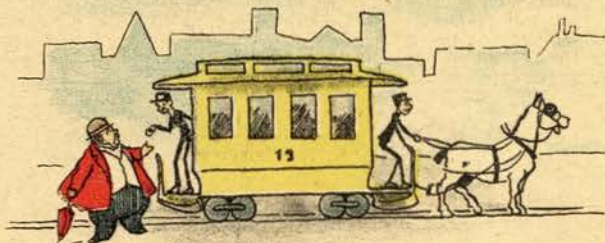


Repimpo-me no banco com um suspiro d'allivio ; mas logo sinto—oh céos!—que a gravidade se impõe e o assento se abate. O *bond*, arrebitando nos extremos, adquire a fôrma d'um berço. Desattenciosamente, aos empurrões, o conductor impelle-me para a plataforma deanteira.

Assim que me perfilo, a frente afocinha de subito, o clamor é enorme, o pânico redobra. Oíço imprecações e vaias. Convidado a retirar-me, protesto violentamente, pois que d'aqui ao Apollo continúa sendo um estirão.



O conductor indemnisa-me com todo o apuro do dia.



Moralidade: Não ha terra como o Brazil para um artista ganhar dinheiro.

A RAINHA DOS MERCADOS

«Quem será a Rainha dos Mercados, que Lisboa, váe mandar a Paris, a convite dos organizadores da Mi-Carême?»

Em seguida publicamos os retratos das candidatas, que até esta hora parecem reunir mais suffragios.



Sr. J. d'A.

Regateira, do lado occidental

Honra a praça e o paiz pela exuberancia das suas formas, pelo vigor da sua carnção esplendida e sádia. Por isso se suppõe que obtenha esmagadora maioria, muito embora o seu temperamento irritavel e impulsivo lhe tenha trazido algumas inimizadas.

Novidades.



Sr. A. R.

Hortaliceira

Linhas nobres de romana, temperadas pelo picante d'uma graça requintadamente franceza. Bastante partido entre os artistas e os 1.º sargentos cadetes.



Menina C. d'O

Ramilheteira

Sonho que se esváe, chimera alada, vaporoso perfil tocado da graça colleante das lombrigas. Muito bemquista na alta sociedade.

Sr. G.

Negociante de trapos e ferros-velhos, das mais conceituadas da praça. Muito prestigio na classe, não tanto por sua belleza como pelo seu tino commercial, que lhe tem permitido grangear um pequeno peculio. Compra e vende por bom preço bibelots, mesas velhas, doutrinas novas, quadros, reliquias, contadores, espada de heroes, bentinhos correi de cadeiras, orações, bilha de barro, faz resas, lê nos astros e perscruta o Absoluto.



Frik

DA LEGAÇÃO NOS BASTIDORES

Vae-se aproximando a epoca da importação de celebridades estrangeiras para o theatro D. Amelia.

Os artistas d'esta casa d'espectaculos, sentindo-se justamente feridos no seu orgulho pela facil concessão de lapides commemorativas, aos de fóra, reclamaram energicamente junto do sr. Visconde de S. Luiz de Braga, que prudentemente se submetteu ás exigencias dos seus socios e escripturados. Assim, passarão a denominar-se:

A entrada do theatro — *Portico João Rosa*. O corredor á volta da sala — *Avenida Lucilia Simões*. O Salão Luiz XV — *Galeria Augusto Rosa*. O jardim de inverno — *Passeio da Meditação*, e a palmeira que o embelleza — *Palmeira Bastos*.

OLHO DE VIDRO.



O sr. Julio Dantas ao sr. Maia, n'uma mesa do Martinho:

— Homem, isto de commissariar, cá para mim, já me parece um verbo defectivo...

— Porque?

— Porque não tem presente!



Acha *A Lucta* que o publico d'uma gazeta, se é grande, ha de ser necessariamente estúpido e boçal.

Entende-se. Estamos vendo a doença que *A Lucta* teme. Um publico talvez excessivamente intellectual, não será isso?

FREI JOSÉ.



LE JONGLEUR DE NOTRE DAME

Opera em 3 actos

J. Massenet



Tenor Maréchal
S. Carlos
10 De Março

Le Jongleur de Notre-Dame, cantado no sabbado em S. Carlos para estreia do tenor Maréchal — apesar d'um ou outro trecho porventura um pouco fatigante, sobretudo no 2.º acto — é bem uma partitura através da qual se sente passar o sopro genial do auctor incomparavel da *Manon Lescaut*, de *Werther*, da *Sapho* e de tantas paginas mais, tocadas da doçura encantadora de Massenet.

Francez pelo nascimento e pelos seus processos artisticos, o tenor Maréchal é principalmente um grande actor, sem por isso deixar de ser um tenor notavel. Tal duplicação de qualidades deu-lhe ensejo de interpretar superiormente o personagem de *João*, evitando os gravissimos perigos em que poderia cahir, mórmente no 3.º acto, aquelle que, mesmo dotado de maiores recursos vocaes que o sr. Maréchal, não possuísse como este, em alto grau, a arte de representar.

A estrêia do sr. Maréchal foi sem duvida brilhante, devendo notar-se entre outros trechos, além da entrada do 1.º acto, a linda romanza *O' libertá mia vita*, e todo esse formoso 3.º acto que, contendo talvez as mais bellas paginas da partitura, encontrou n'aquelle artista o mais consciante, adequado e scintillante dos interpretes.

Cumpra tambem fazer particular referencia ao illustre maestro Mancinelli, que honra com a sua regencia a orchestra do nosso theatro lyrico e que na noite de sabbado ouviu por mais d'uma vez os applausos calorosissimos do publico.

O barytone Anceschi, o baixo Brendi, bem como os srs. Mentasti, Alzog e Medosi, houveram-se dignamente nas suas partes respectivas. O scenario e o guarda-roupa agradaram incondicionalmente.



Recebemos um exemplar d'*O Vira*, devolvido, mas sem cinta nem qualquer indicação que nos habilite a conhecer o nome do devolvente.

— Hum... será o Doutor Assis?

Lua de mel

Em telegramma de Berlim, noticiaram sollicitamente os jornaes o desastre occorrido no automovel que conduzia o principe Eitel e sua noiva a um determinado castello, onde iam passar a primeira parte da lua de mel.

De fórma que temos a lua de mel dividida classicamente em partes, como o orçamento geral do Estado; e certo é que, analysando com rigor, cada uma d'essas partes póde ainda subdividir-se, segundo o plano dos codigos, em titulos, capitulos, secções, sub-secções, etc.

Apresentamos um rapido esboço de classificação das materias da lua de mel:

Introdução — Amam-se

Cap. I — Não será isto um sonho?!

Cap. II — O que eu soffro por ti!...

Cap. III — Já está o despacho feito, meu Amor! Deus protege-nos!

Cap. IV — Espere ser um digno marido da filha de V. Ex.ª

Parte I — Casam-se.

Cap. I — Emfim, sós!

SECÇÃO I — Um quarto com duas camas.

SECÇÃO II — Que linda noite! Que poetico luar!

Cap. II — Não venhas tarde, meu anjo...

Cap. III — E's pae!

Cap. IV — Não sei por onde se sóme tanto dinheiro!

Cap. V — E' sexta-feira, bem sabes, vou á Graça...

Parte II —

— Elle, rugindo como um toiro: — que faz alli á porta aquelle cadete?

— Ella, aprumando-se, nervosamente: — tu bates-me, pelintra?!

FREI JOSÉ.



O sr. Silva Gouveia expõe n'uma das salas da Photographia Bobone alguns bronzes e gessos de sua composição,—coisas minusculas, como de direito no que são das mãos d'uma pessoa que é liliputiana de sua natureza.

Todavia, se a exiguidade physica do homem não contende com os merecimentos do artista, tambem o tamanho das suas estatuetas não vae affectar o valor real da obra. Por isso mesmo que é um irreverente em Arte, o sr. Silva Gouveia merece desde logo o nosso applauso e a nossa interessada expectativa.

Possuirá o escultor a griffe d'um rebelde, e terá recebido da munificencia divina a luz com que allumie a si mesmo o seu caminho? Veremos. A exposição d'agora não no-lo demonstra ainda cabalmente. Desejariamos vêr nas figuras mais movimento, alguma vida, de modo a não nos parecer que o auctor se teme de fazer d'aquelles recrutas parados, sempre em sentido ou em descanço, gente livre e deslocavel, que anda, que dance, que salte, que se incline...

A não irmos fóra da patria, ahí tivémos nós em Raphael Bordallo quem excellentemente soubesse modelar o barro na caricatura e tirar d'um pedaço d'argila alguma coisa como um ser humano, susceptivel de rir e de chorar, fazendo uso da faculdade de mover-se, privativa dos entes animados. Eis um mestre que o sr. Gouveia poderá talvez adoptar, sem receio de que o agradeiem com a carta de conselho...

Não vá todavia pensar-se que não estamos em frente d'alguem de cunho. A magnifica estatueta de Olivier Merson e outras ainda, como as do profesor Puech, do sr. Oliveira Ramos, do sr. Marcos Guedes, do sr. D. João da Camara, do sr. conde Arnoso, constituem, em qualquer parte, obfias notaveis de esculptura; e sobretudo a delicadissima terra-cotta *A doente*, é o documento d'um artista d'alto merito, que sabe executar e sentir, profundamente, a sua arte.

A notar ainda, pelo exotismo, a caricatura do sr. conselheiro Espregueira em *Satyro*, e a do sr. Hintze Ribeiro, d'estadista.

F. G.



EXPEDIENTE


Os escriptorios da redacção e administração do «Vira», encontram-se definitivamente installados na rua do Norte, 33, 1.º, para onde deve ser-nos dirigida toda a correspondencia.

Os numerosos pedidos de assignatura e de casas de venda, que chegaram a esta administração quando já estava sendo impresso o numero anterior do *Vira*, determinaram-nos a fazer uma tiragem supplementar d'esse numero, que teve de ser executada á ultima hora nas officinas da Companhia Nacional Editora. Este facto e os naturaes embarços da montagem d'um jornal, motivaram algumas irregularidades, quer na distribuição da gazeta aos nossos assignantes de Lisboa, quer na sua expedição para as provincias.

Os nossos presados assignantes da capital que não tenham portanto recebido esse numero, podem reclamar-o pessoalmente ou por meio d'um postal á Administração do *Vira*, na sua nova séde.

De tudo pedimos que nos desculpem, esperando remir esses peccados do passado com um futuro cheio de virtudes... administrativas.





João
CHAGAS

Luva branca e consciência branca.
O cronista-mór do reino.

© F 1906